

A Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção



**“A Fortaleza de Heróis da Pátria”
Uma síntese histórica**

Júlio Lima Verde Campos de Oliveira (Org.)







Apresentação

A Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, assim batizada, no longínquo 20 de maio de 1654, pelo Capitão Mor português Álvaro de Azevedo Barreto, no momento em que o forte deixou de estar sob o domínio dos neerlandeses, é a sede do Comando da 10ª Região Militar – Região Martim Soares Moreno, desde 17 de setembro de 1948.

Da sua instalação aos dias atuais, a “Fortaleza de Heróis da Pátria” vem consolidando a presença militar em território cearense e cumprindo o seu papel de guardiã das tradições castrenses na capital alencarina, sendo mantida e preservada por nossos antecessores, exemplos de entusiasmo e profissionalismo ao Exército Brasileiro, e de dedicação e amor a serviço da nossa Pátria.

Para registrar esse significativo espaço de tempo, nada mais justo do que relembrar as suas origens que remontam o século XVII, nos primórdios da colonização do Ceará e da fundação da cidade de Fortaleza.

É, portanto, com grande satisfação que entrego esta singela publicação, apresentando episódios significativos e personagens marcantes da Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, como forma de valorizar e reverenciar a nossa histórica fortificação.

Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção,
em 17 de setembro de 2024



General de Divisão Cristiano Pinto Sampaio
Comandante da 10ª Região Militar

Sumário

Apresentação.....	5
A Colonização da Capitania do Ceará	7
Martim Soares Moreno e o Ceará.....	8
A fundação do Forte Schoonenborch	10
O batismo da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção	12
A criação da Cidade de Fortaleza	13
A nova Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção	14
A Fortaleza e seus Heróis da Pátria	18
Novas obras na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção	19
A criação da 3ª Brigada de Infantaria	24
A criação da 10ª Região Militar	25
Sítio histórico da Fortaleza de N. Senhora da Assunção	28

A colonização da Capitania do Ceará

Segundo historiadores, as expedições dos espanhóis Vicente Pinzon e Diogo de Lepe desembarcaram nas costas cearenses no início do ano de 1500, antes da viagem de Cabral ao Brasil. A primeira, num cabo identificado como da Ponta Grossa, no município de Icapuí; e a segunda, na Barra do Ceará, em Fortaleza. Tais descobrimentos não puderam ser oficializados devido ao Tratado de Tordesilhas.

A ocupação efetiva do território cearense começou em 1603, época em que Portugal estava sob domínio espanhol, com a bandeira do açoriano Pero Coelho de Souza que fundou o Fortim de São Thiago, no local denominado Rio Siará, hoje, Barra do Ceará e deu o nome de Nova Lisboa ao povoado que se formou em torno dele, mas logo partiu das terras cearenses.

Em 1605, Pero Coelho retornou ao Ceará, agora acompanhado da esposa e filhos, trazendo o jovem Martim Soares Moreno como ajudante. Porém, em 1606, Pero Coelho não suportou as privações e a escassez de água e alimentos, abandonando definitivamente o território cearense.



Imagem: <https://www.suportegeografico.com/2023/03/o-tratado-de-tordesilhas-divisao-do.html>

Martim Soares Moreno e o Ceará

A posse oficial do Ceará deu-se com o português Martim Soares Moreno, o Guerreiro Branco, que aqui chegou em 20 de janeiro de 1612 e fundou o Forte de São Sebastião, no mesmo local onde fora erguido o Fortim de São Thiago, já em ruínas, estendendo a área das edificações até a barra do rio Ceará.

Martim Soares Moreno. Tela de Rodval Martins. Acervo da 10ª RM.



Considerado o fundador do Ceará, Martim Soares Moreno nasceu em Santiago do Cacem, em Portugal, em 1585. Integrado aos índios, tornou-se ele próprio um nativo, pintando-se com as cores do jenipapo e irmanando-se aos silvícolas em suas lides guerreiras. José de Alencar, em seu célebre romance, o retratou como o Guerreiro Branco, ardente namorado de Iracema, a moça tabajara com quem gerou um filho, símbolo da miscigenação luso-ameríndia.

Rodval Martins (1953), acervo do Sítio Histórico da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, doada em 16 de dezembro de 2021, pelo Gen Ex Licínio Nunes de Miranda Filho e Licínio Nunes de Miranda.



A imagem da página anterior retrata a chegada de Martim Soares Moreno à barra do rio Ceará, acompanhado do padre Baltasar João Correia, seis soldados e quatro indígenas potiguaras, enviados pelo chefe Jacaúna para auxiliá-los. São recebidos por índios também da etnia potiguar, mas de outra tribo que viera na expedição de Pero Coelho de Sousa. Martim ergue a espada com a ponta para baixo, em sinal de paz, mas também de autoridade. O Padre Baltasar, clérigo secular, faz o gesto de benção com a mão direita.

A partir de 1613, Martim Soares Moreno participou ativamente do combate aos invasores franceses no Maranhão. Em 1616, doente, ao retornar do Maranhão ao Ceará, foi vítima de violenta tempestade, indo bater na Ilha de São Domingos. De lá, a caminho da Europa, atacado por corsários, perdeu uma das mãos e foi levado para a França, onde permaneceu preso por dez meses. Condenado à morte, foi libertado por gestões diplomáticas da corte espanhola.

De retorno a Portugal, em 1619 foi nomeado o primeiro Capitão-Mor do Ceará, como recompensa pelos serviços prestados, tomando posse em 1621. Fixou-se nas terras cearenses por dez anos, consolidando e fazendo florescer sua capitania.

Em 1631, partiu para Pernambuco, onde se destacou nas lutas contra os holandeses, alcançando o título de Mestre-de-Campo. Nunca mais voltou ao Ceará.

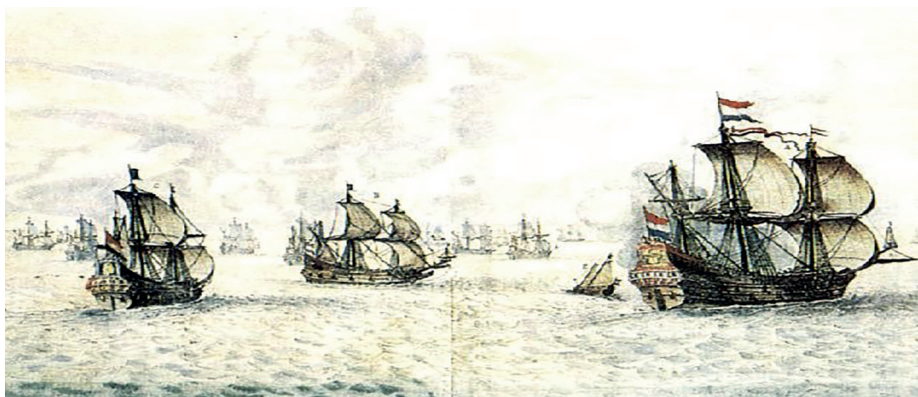
Em 1631, Domingos da Veiga, sobrinho de Martim Soares Moreno, tomou posse como novo capitão-mor da capitania do Ceará.

Em 26 de outubro de 1638, uma expedição holandesa composta por 126 soldados, sob o comando de George Gartsman e Hendrick Huss, tomou o Forte de São Sebastião e dominou a região durante sete anos, até 1644, quando os holandeses foram expulsos pelos índios Tapuias e o Forte de São Sebastião destruído.



A fundação do Forte Schoonenborch

Em 3 de abril de 1649, o holandês Matias Beck aportou na enseada do Mucuripe, com três iates e dois barcos, transportando 298 homens. Daí passou a explorar a costa até a barra do rio Ceará, a fim de escolher um local para construir um forte.

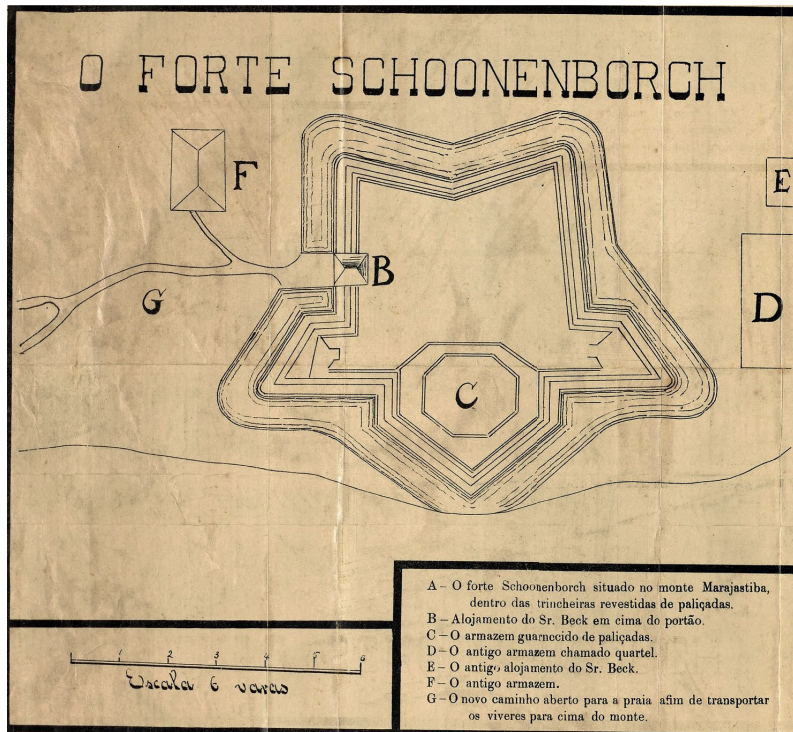


Diário da Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649. Tradução do holandês por Alfredo de Carvalho, Revista do Instituto do Ceará, 1903, p.349.

A colina denominada Marajaitiba pelos indígenas, também conhecida como morro das Palmeiras e situada à margem esquerda do rio Pajeú foi o local escolhido. Este rio nascia a 5 km do oceano, com menos de 200 m de largura, e era cercado por algumas colinas que ofereceriam proteção natural ao fortim. Havia um ancoradouro natural de pequenas embarcações, que foi utilizado diversas vezes para o embarque e desembarque dos invasores.

Em seu relatório, Matias Beck concluiu: “Não tendo deparado com sítio algum mais próprio e melhor, resolvi construir aqui, com toda a brevidade possível, a nossa fortificação”.

Em 9 de abril de 1649, 40 soldados iniciaram a limpeza do terreno. No dia 10, foi traçada a planta da fortificação pelo engenheiro Ricardo Caar e das ruínas do velho forte de São Sebastião, na barra do Ceará, foram trazidos, num carro puxado por negros e soldados, cinco canhões de ferro e telhas para a construção da nova fortaleza. Em 22 de abril de 1649, estava concluída a limpeza da área e iniciou-se a construção. Era pequeno e feito de madeira, estacas de carnaúba e terra. Tinha a forma pentagonal, cercado de parapeito e paliçada.



Planta baseada em gravura existente no Nationaal Archief (c.1649)



Forte Schoonenborch. Tela de Ernane Pereira, Fortaleza, 2004.

Todos os historiadores são unânimes em afirmar que a origem da cidade de Fortaleza teve início com a construção deste Forte construído por Matias Beck, chamado Schoonenborch em homenagem ao governador holandês de Pernambuco e presidente do Alto Conselho Administrativo da Holanda, Walter Van Schoonenborch.

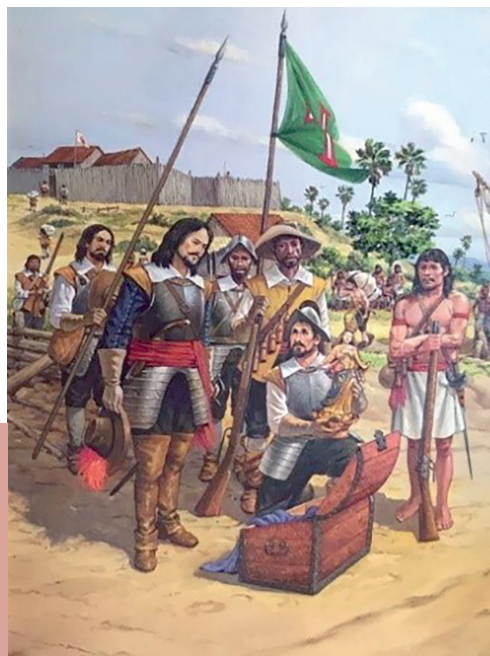
Em pouco tempo, o Forte se transformou num centro de atração humana e após algumas décadas, já despontava aglomeração de palhoças e choupanas ao longo do morro. Em 19 de agosto de 1649, Matias Beck ampliou e reforçou as obras de defesa, de acordo com a planta feita pelo engenheiro Caar. De início, o Forte foi armado com 11 peças de ferro e guarnecido com 40 homens.

Em 1654, em consequência da derrota sofrida pelos holandeses na província de Pernambuco, Matias Beck foi obrigado a entregar o Forte aos portugueses.

O batismo da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção

Ao tomar posse, em 20 de maio de 1654, o Capitão-Mor Álvaro de Azevedo Barreto, mudou-lhe o nome para Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Na imagem ao lado, Álvaro de Azevedo Barreto entroniza no forte recém batizado, a imagem de Nossa Senhora da Assunção.

Rodval Martins (1953), acervo do Sítio Histórico da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, doada em 16 de dezembro de 2021, pelo Gen Ex Licínio Nunes de Miranda Filho e Licínio Nunes de Miranda.



Ao redor da Fortaleza, pobremente edificadas, erguiam-se choupanas e palhoças, abrigos dos primeiros habitantes da cidade que nascia.

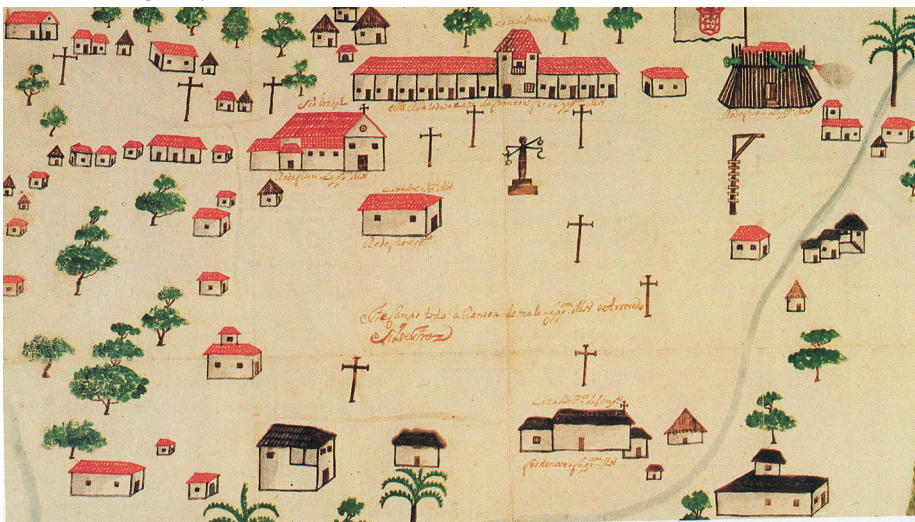
Nessa época, Álvaro de Azevedo Barreto fez reparos no Forte e deu início à construção de uma capela. Em 1655, o Capitão-Mor Álvaro de Azevedo foi substituído no comando do Forte por Domingos de Sá Barbosa.

Por Carta Régia de 27 de julho de 1656, foi autorizado a André Vidal de Negreiros, então Governador do Maranhão, a quem estava subordinado o Ceará, construir um forte de pedra e cal, ou mesmo de madeira de lei. No momento não foi executada a construção, continuando o antigo Forte com sua estrutura de madeira e terra, mas já em situação precária.

Em 1660, foi mandado levantar por D. Pedro de Melo, governador do Maranhão, um quartel pelo lado do mar, anexo à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.

A criação da cidade de Fortaleza

A criação do município de Fortaleza ocorreu em março de 1725, quando a povoação do Forte foi elevada à condição de Vila, ocorrendo a inauguração festiva em 13 de abril de 1726.



Mapa de Fortaleza em 1726 (domínio público)

Durante a administração do coronel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, governador da Capitania de 1765 a 1781, foi finalmente iniciada a construção de um novo quartel, em terreno oferecido ao governo pelo padre José Rodrigues, juntamente com a capela de Nossa Senhora da Assunção. Este quartel não passava de um pequeno retângulo com as paredes laterais simples, sem portas interiores e janelas externas, com o teto muito baixo e com capacidade para aquartelar quatro companhias.

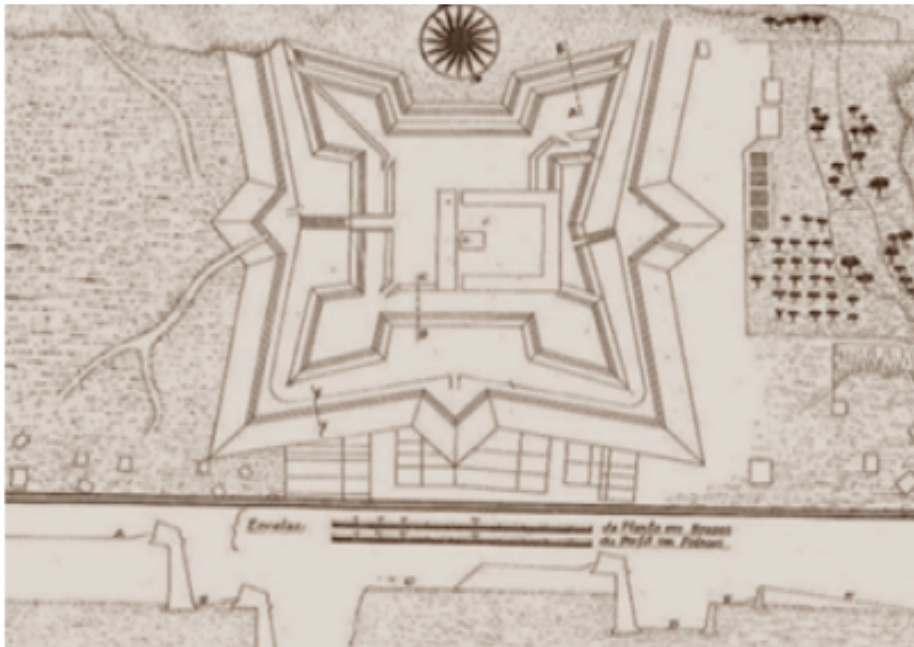
Em 1782, a guarnição do Forte contava ao todo com 126 homens, sendo 114 de infantaria, formando uma companhia e os doze restantes de artilharia. A companhia de infantaria era comandada pelo tenente Antônio Borges da Fonseca.

Em carta de 2 de junho de 1802, o governador Bernardo Manuel de Vasconcelos comunicou ao Ministro da Marinha, Visconde de Anadia, ter feito alterações no quartel, visto que haviam sido construídos pelo “risco e arranjo ideados por um clérigo da Capitania que fora encarregado ou encarregou-se da obra; e que havia acontecido como se devia esperar que ele correspondesse à ignorância que da arquitetura militar e civil possuía o dito padre, e que nas ditas alterações havia despendido 193\$875 (reis)”.

O Forte foi assim, ora por outra, reparado, mas dispunha apenas de 4 peças, apontando inclusive para a Vila de Fortaleza, não possuindo poder de fogo para atingir sequer um navio no ancoradouro. Entretanto, com o passar do tempo e a falta de conservação, no ano de 1812 desmoronou-se.

A nova Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção

Como homenagem à data de aniversário do sereníssimo Senhor Príncipe da Beira, o Senhor Dom Pedro de Alcântara, em 12 de outubro de 1812, o governador da Capitania do Ceará-Grande, Manoel Inácio de Sampaio, mandou construir e lançou a pedra fundamental da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, no mesmo local onde fora construído o antigo forte holandês, então reduzido a uma bateria em ruínas.



Projeto de Antônio José da Silva Paulet (1825?), existente no Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar. Lisboa.

A sua planta foi organizada pelo engenheiro Tenente Coronel Antônio José da Silva Paulet, tendo ele dirigido sua construção. A fortaleza seria edificada num quadrado de 90 metros de cada lado, constando de quatro baluartes, com as seguintes denominações: *o do nordeste, com a invocação de Nossa Senhora da Assunção; o do sudeste, com a invocação de São José; o do sudoeste, denominado Príncipe da Beira e o do noroeste, em homenagem a Dom João.*

Em 31 de julho de 1813, foi criado o Corpo de Linha do Ceará e instalado na Fortaleza. Estava constituído por três companhias de Infantaria e uma de Artilharia.

Em 1817, por ordem do governador Manuel Inácio de Sampaio, foram presos José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves e outros que sublevaram e proclamaram a república na vila do Crato, dentro do movimento contra a monarquia portuguesa conhecido como Revolta Pernambucana. O movimento eclodiu na cidade do Crato-CE em 03 de maio, mas poucos meses depois, foi debelado. Durou apenas 75 dias em Pernambuco e 08 dias no Crato.

Os irmãos José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves, bem como sua mãe, Bárbara de Alencar, e mais 22 insurretos que participaram da revolução, foram presos e conduzidos para a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção por Pinto Madeira. Algum tempo depois, foram enviados à Bahia, onde permaneceram presos até 1820.

Ainda em 1817, foi inaugurado o Forte, ainda inacabado, e colocada uma lápide, em latim, na parte externa da muralha do norte, com a seguinte inscrição:

“Ano de 1817. As naus escarneciam de mim, quando eu era um monte informe; agora, que sou uma grande Fortaleza, de longe tomam-se de respeito. Aqui reinando Dom João VI, Sampaio me fundou bela, o engenho de Paulet resplandece. Os donativos dos cidadãos me tornam forte pelas muralhas, e os dispêndios reais me fazem forte pelas armas.”



Essa lápide encontra-se afixada na muralha norte da fortaleza. (acervo da 10ª RM)

Em 17 de agosto de 1822, estavam concluídas as suas obras. Sua construção foi efetuada com donativos de particulares, os quais montaram a soma de 16.103\$267 (reis). De início, a Fortaleza foi guarnecida com canhões. O quadrado com quatro baluartes possuía vinte e sete peças que cruzavam seus fogos em condições de baterem o ancoradouro e o porto.

Em 1823, o Imperador Dom Pedro I elevou a vila de Fortaleza à categoria de cidade, fazendo constar da Carta Imperial a mudança de nome para *Fortaleza de Nova Bragança*. A nova denominação foi progressivamente sendo reduzida, passando a ser chamada *Vila da Fortaleza*, no linguajar comum do povo e, posteriormente, só *Fortaleza*.

Em 4 de maio de 1823, o *Corpo de Linha do Ceará* passou a ser chamado *Corpo de Infantaria* da tropa de linha e pelo decreto de 1º de dezembro de 1824, que organizou o Exército Brasileiro, transformou-se em 22º *Batalhão de*

Caçadores, sendo constituído por um estado-maior, um estado-menor e seis companhias, aproveitando o casco do Corpo de Linha do Ceará.

Em 1824, com a outorga da primeira Constituição brasileira por D. Pedro I, surgiu movimento contestatório em Pernambuco que se alastrou pela Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. A revolta, conhecida como Confederação do Equador, foi violentamente reprimida pelas tropas imperiais.

No Ceará, os revoltosos tomaram o poder, mas com a reação do governo logo começaram as deserções no movimento. José Félix de Azevedo e Sá, substituto de Tristão Gonçalves, que tinha ido dar combate aos monarquistas no Aracati, rendeu-se a Lorde Cochrane, comandante da Esquadra Imperial, sem esboçar nenhuma reação ao cerco que este promoveu contra a Fortaleza.

Os prisioneiros foram condenados à forca, mas nenhum carrasco se prontificou a executar a sentença, sendo a pena transformada em fuzilamento no Campo da Pólvora (Passeio Público).

Os primeiros a serem executados foram o Padre Mororó e Pessoa Anta. O comportamento do padre, na hora do fuzilamento, foi sereno, não permitindo que lhe colocassem a venda nos olhos e indicando, com a mão no coração, o local que deveria ser atingido pelas balas. Pessoa Anta, por sua vez, não teve comportamento tão fleumático e, para seu azar, não morreu com a descarga do pelotão de fuzilamento, sendo morto a coronhadas. Dias depois foi a vez de Ibiapina, que foi fuzilado deitado, pois a varíola lhe atingira os pés, deixando-o incapaz de permanecer ereto. O último a ser executado foi Carapinima, completando o terrível ritual.

Em 9 de agosto de 1825, o Coronel Engenheiro Antônio José da Silva Paulet relatou ao Marechal Manoel de Sousa Ramos, que em relação à planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, projetada, e em parte já concluída na Capital da Província do Ceará:

“He hum quadrado fortificado, e acomodado as circunstancia do terreno; bate perfeitamente com duas ordens de fogo crusado, o ancoradoiro, e porto que lhe fica ao Norte, e os caminhos que conduzem da Praia para a Villa. A frente do mar está completamente acabada...”

A Fortaleza e seus heróis da Pátria

Em 17 de julho de 1830, o jovem Antônio de Sampaio, oriundo de Tamboril (CE), sentou praça como voluntário no 22º Batalhão de Caçadores, sediado na Fortaleza. Promovido a furriel, no ano seguinte, recebeu seu batismo de fogo no encontro do Icó, a 4 de abril de 1832, quando o major Francisco Xavier Torres derrotou a força do coronel rebelde Joaquim Pinto Madeira, que tomara armas em protesto pela abdicação imposta a D. Pedro I, afastando-o do trono que erguera na América Portuguesa. Sampaio prosseguiu sua carreira e tornou-se Brigadeiro, herói na Guerra do Paraguai e Patrono da Infantaria Brasileira, por escolha dos cadetes da Escola Militar do Realengo em 24 de maio de 1928, por sugestão do então Tenente Humberto de Alencar Castello Branco.

Sampaio e Tibúrcio tiveram seus nomes inscritos no livro dos Heróis da Pátria em 2009 e 2023, respectivamente. Martim Soares Moreno teve o seu nome inscrito em 2018.



Por ato de 9 de outubro de 1846, o coronel Inácio Correia de Vasconcelos, presidente da Província, reconheceu a precária situação em que estava instalado o quartel do *Batalhão Provisório de 1ª Linha*, na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, e lançou mão de pequenos recursos de que dispunha para melhorar as suas instalações, que se tornaram duas vezes maiores, tendo à frente de 54,66 m com o fundo de 80 m. Desta forma, em 1847, a Fortaleza foi novamente reconstruída.

Em meados de 1851, com 14 anos incompletos, outro jovem cearense transferiu-se de Sobral para a capital da província. A tenacidade com que o jovem Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza empreendeu a viagem para Fortaleza, ora a pé, ora em cima de uma carga, onde puseram-no comboieiros

compadecidos dos seus pés machucados, revelava já sua energia e invulgar estoicismo.

Em 26 de junho de 1851, o jovem Tibúrcio verificava praça no Meio Batalhão de Caçadores, na histórica Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Em pouco tempo, Tibúrcio seguiu para a Corte e depois para o Paraguai, já como tenente, tornando-se o valente artilheiro de Corrientes e o heroico explorador do Chaco. Ao final da Guerra do Paraguai, conduziu os bravos cearenses do 26º Batalhão de Voluntários da Pátria de volta ao lar, após memoráveis feitos em terras guaranis.



Novas obras na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção

O Meio Batalhão de Caçadores era um modesto edifício retangular, sediado ao lado da velha Fortaleza, cuja construção fora iniciada pelo coronel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca.

Em 1856, foram feitos mais alguns reparos nas velhas instalações do Forte, que passou à categoria das fortificações de 2ª classe em 11 de fevereiro de 1857, assim continuando até 1880.

Em 27 de julho de 1857, assumindo a administração da Província o Dr João Silveira de Sousa, foram realizadas novas obras no quartel do Forte, sob a direção de uma comissão de oficiais do Corpo, a qual entendendo que devia substituir a antiga capela de Nossa Senhora da Assunção, que existia no médio do quadro, a fez demolir e principiar outra maior que, ficando parada por ter-se esgotada a verba, foi o Dr João Silveira de parecer que fosse

abandonada e desembaraçada toda a área necessária para certos misteres do mesmo Corpo.

Em 1859, o engenheiro Adolfo Herbster foi encarregado das obras no quartel da Fortaleza. Em 1860, foi concluída a fachada principal do pavimento superior, com emblema na porta externa frontal, contendo instrumentos de guerra e bandeiras nacionais.

Em 1862, o presidente Dr José Bento da Cunha Figueiredo Júnior mandou que se abrissem dez janelas para ventilar o pavimento térreo e nelas se pusessem grades de ferro.

Em 1863, o mesmo presidente consignou o valor de 2.000\$000 (dois contos de reis) para a conclusão da capela de Nossa Senhora da Assunção, que de há muito estava parada e fora mandada demolir por aviso do Ministério da Guerra de 14 de maio de 1861. As obras chegaram até o ponto de receberem coberta, mas por falta de verba foram novamente paralisadas.



Desta forma, vários reparos e melhoramentos foram executados neste período e o Forte sofreu muitas modificações. Foi-se alterando e melhorando a Fortaleza, até que se tornou um grande edifício, com frente para a rua Sena Madureira, rua da Misericórdia, praça dos Mártires (Passeio Público) e para o mar. A frente da rua Sena Madureira era ocupada pela Força de Linha e a da praça dos Mártires, ou praça da Pólvora, pela Escola Militar, sendo ambas de dois pavimentos.

Segue-se uma descrição das instalações da Fortaleza, desta época:

“No andar superior do 1º prédio ao lado oriental ficam à direita a casa da ordem, a secretaria, o gabinete do comandante, quatro quartos de depósito e no extremo à esquerda a sala da Escola Regimental; no inferior da parte do sul a sala do quartel-mestrança, a do Estado-Maior, o xadrez, o portão de entrada, a que corresponde por

cima do 2º andar um emblema com instrumentos de guerra, inclusive Bandeiras Nacionais, corpo da guarda e solitária, uma sala de reserva e por último da parte do norte, o salão de ensaios de música.

No andar superior do 2º prédio, ao lado ocidental, ficam à esquerda a secretaria, a sala do comandante, a portaria, a sala de aula e o quartel-mestrança à direita. A sala de ordem ocupa um quarto contíguo à secretaria. As alas internas aos lados norte e sul divididas em compartimentos para cômodos dos soldados. É uma fortaleza de pedra, tijolo e cal, com duas baterias dispostas em andares, e uma bateria a cavaleiro; a 1ª bateria a barba com dois ângulos, um do lado de leste e outros de oeste, um corpo central formando um andar de duas braças e oito palmos de largura a roda da 2ª bateria; a 2ª bateria com dois ângulos e um corpo central, tudo correspondente à 1ª bateria: ângulo de leste, com quinze braças e nove palmos de comprimento com quatro canhoneiras; lado do norte com vinte braças e seis palmos de comprimento, bateria a barba; lado reintrante lado de oeste, com quatorze braças e três palmos de comprimento canhoneiras; lado do sul, com cinco braças e três palmos de comprimento, fechado por uma bateria a cavaleiro; corpo central com trinta e uma braças e sete palmos de comprimento, bateria a barba; ângulo de oeste lado reintrante com seis braças e oito palmos de comprimento, com três canhoneiras; lado do norte com cinco braças e três palmos de comprimento, bateria a barba; lado de oeste com quatorze braças e quatro palmos de comprimento, fechado por um muro na altura do parapeito bateria a cavaleiro sobre o ângulo de leste da 2ª bateria de forma trapezoidal, com seis braças e cinco palmos tanto no lado de leste como de oeste e oito braças e três palmos de largura média entre as duas outras faces. No centro da bateria a cavaleiro se acha o telégrafo.

Confrontações - Continua pelo norte com a costa; ao sul com o quartel da tropa de 1ª linha; a leste com a praça do mesmo quartel; a oeste com a praça da pólvora. Valor - Foi avaliada em 03 de março de 1858, perante o Juiz dos Feitos da Fazenda, em 125:000:000. Título - Foi mandada edificar em 12 de outubro de 1812, por ordem da Junta da Fazenda da Província dessa data e se concluiu em 17 de agosto de 1822, desde quando se acha incorporada aos Próprios Nacionais.”

Em 1881, na presidência do Senador Pedro Leão Veloso, a capela de Nossa Senhora da Assunção, cujas obras foram paralisadas há muitos anos, foi totalmente demolida.

Em meados de 1881, chegou a Fortaleza, em viagem de inspeção à velha Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o *Brigadeiro Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza*, (foto) investido da autoridade de inspecionador das fortalezas compreendidas entre as províncias da Paraíba e do Pará.

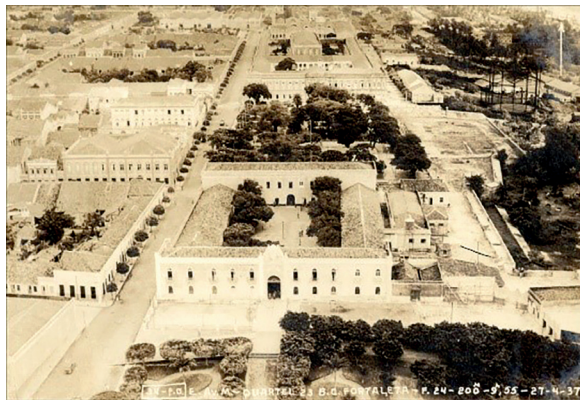


Na segunda metade do século XIX, o movimento abolicionista no Ceará, que reuniu sob sua bandeira a elite e o povo com grande euforia, atraiu às suas fileiras o elemento militar, representado ali pela oficialidade do *15º Batalhão de Infantaria*, unidade sediada na Fortaleza.

Em 31 de janeiro de 1885, o Brigadeiro Tibúrcio retornou definitivamente a Fortaleza, sendo recebido por uma guarda de honra do *11º Batalhão de Infantaria*. O bravo brigadeiro morreu no dia 28 de março de 1885, aos 47 anos de idade.

Em 1889, a *Escola Militar do Ceará*, antecessora do atual Colégio Militar de Fortaleza (CMF), iniciou suas atividades na ala posterior da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, junto ao Passeio Público, ocupando parte das instalações do *11º Batalhão de Infantaria*. Durante anos, frequentaram a Escola centenas de alunos e professores, que tiveram participação ativa na vida intelectual e política na época.

Em 15 de dezembro de 1892, a Escola foi transferida para um prédio localizado na Avenida Santos Dumont (atuais instalações do CMF), onde permaneceu até abril de 1895, quando foram iniciadas obras de reforma neste prédio e a Escola voltou a ocupar os fundos do quartel do *11º Batalhão de Infantaria*. Em 1896, retornou ao prédio da Avenida Santos Dumont, permanecendo até a sua extinção em 1897. Em 1910, a velha Fortaleza foi desarmada.



Em 20 de abril de 1915, o 46° *Batalhão de Caçadores* (46° BC), sediado em Manaus (AM), foi transferido para a cidade de Fortaleza, instalando-se no quartel contíguo à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, (ver imagem acima) que servia de alojamento para a tropa de infantaria da fortificação.

Em 1917, na 1ª Grande Guerra Mundial, foi a Fortaleza guarnecida pela 1ª *Bateria Independente do 3º Distrito de Artilharia de Costa*, sob o comando do capitão Bernardino Chaves. Em fins de 1918 essa Bateria foi extinta.

Em 11 de novembro de 1919, o 46° BC mudou sua denominação para 23° *Batalhão de Caçadores* (23° BC), continuando a ocupar o quartel contíguo à Fortaleza.

Em 1941, o 23° Batalhão de Caçadores desocupou as instalações da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, transferindo-se para seu atual aquartelamento, na Avenida 13 de Maio. (imagem abaixo)



Ainda em 1941, algumas dependências da velha Fortaleza foram ocupadas pela Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, através de permuta com o governo estadual. Em 1946, estas dependências foram devolvidas ao Exército.

A criação da 3ª Brigada de Infantaria

Em 2 de abril de 1942, pelo Decreto-Lei nº 4.224, foi criada a 3ª *Brigada de Infantaria*, com sede em Fortaleza e subordinada à 7ª Região Militar em Recife (PE). Sua estrutura organizacional era composta de: Quartel-General, 23º Batalhão de Caçadores (23º BC), em Fortaleza; 24º Batalhão de Caçadores (24º BC), em São Luís; 25º Batalhão de Caçadores (25º BC), em Teresina; e 29º Batalhão de Caçadores (29º BC), em Fortaleza.

Em 6 de maio de 1942, o Governo Brasileiro criou, no Rio de Janeiro, o 2º Grupo do 5º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria (II/5º RADC), antecessor do então 10º Grupo de Artilharia de Campanha (10º GAC), para ser instalado na capital cearense.

Em 29 de maio de 1942, o Quartel General da 3ª Brigada de Infantaria se instalou provisoriamente, no quartel do 29º BC, localizado em frente à praça dos Coelhos, hoje praça José Bonifácio (atual quartel do 5º Batalhão da Polícia Militar do Ceará – 5º BPM), ocupando o seu aquartelamento definitivo em 7 de julho, em um casarão na rua Pedro I, 461 (esquina com Major Facundo).

Foram comandantes da 3ª Brigada os Coronéis Penedo Pedra, Ernesto Pereira Rodrigues, Luís Batista e João Felipe Bandeira de Melo.



À esquerda o Quartel do 5º BPM e o casarão na rua Pedro I, 461

A criação do Comando da 10ª Região Militar

Em 17 de setembro de 1942, consideradas as circunstâncias dos estados do Ceará, Piauí e Maranhão possuírem características fisiográficas similares; a dificuldade de articulação com a 7ª RM; e razões de ordem estratégica para a Defesa Territorial, foi extinta a 3ª Brigada de Infantaria, pelo Decreto-Lei nº 4.704, e criada a 10ª Região Militar (10ª RM), pelo Decreto-Lei nº 4706, com sede em Fortaleza, para centralizar e coordenar as Organizações Militares sediadas naqueles Estados.

No dia 25 de janeiro de 1943, realizou-se a instalação do Comando da 10ª Região Militar, no casarão na rua Pedro I, 461, quartel da extinta 3ª Brigada.

Com a presença de autoridades federais, estaduais e municipais foi realizada uma parada militar na praça do Carmo, com uma Bateria do II/5º RADC disparando uma salva de tiros em homenagem ao novo Grande Comando.

O Coronel João Felipe Bandeira de Melo (foto ao lado), último Comandante da 3ª Brigada e nomeado Cmt do 24º BC, assumiu interinamente o Comando da 10ª RM, em virtude do General Francisco Gil Castelo Branco, primeiro comandante nomeado, encontrar-se no arquipélago de Fernando de Noronha, aguardando a chegada de seu substituto no Comando do Destacamento Misto que guardava aquele arquipélago.

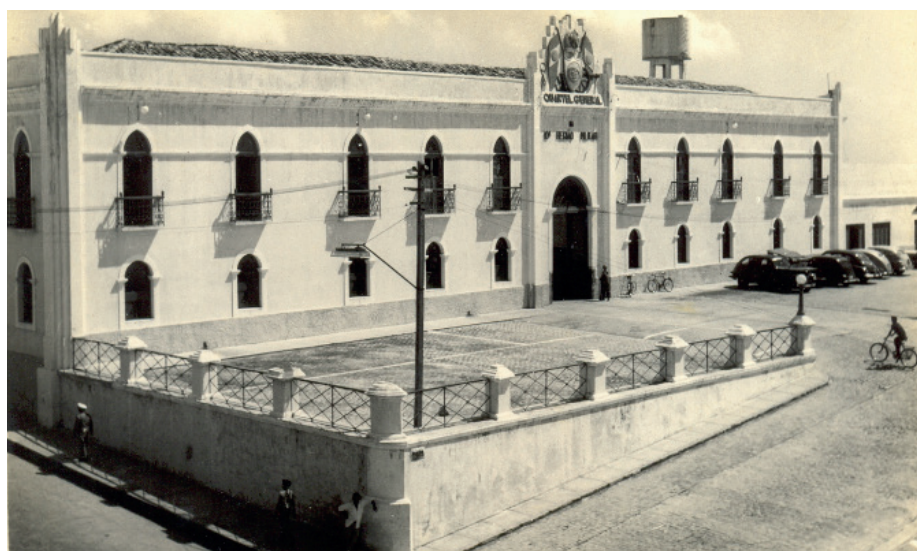
No dia 2 de março de 1943, chegou a Fortaleza o General Francisco Gil Castelo Branco, (foto ao lado) desembarcando de um avião especial da Força Aérea Brasileira no aeródromo da 6ª Base Aérea, sendo recebido com as honras militares previstas. Ao dirigir-se para o centro



da cidade, foi saudado com júbilo pela população, sobretudo ao chegar à Avenida Duque de Caxias, onde a 2ª Bateria do II/5º RADC realizou uma salva de tiros, nas proximidades da Igreja Coração de Jesus.

No dia seguinte, o General assumiu o Comando da 10ª Região Militar que tinha, como Organizações Militares subordinadas, sediadas em Fortaleza: 23º Batalhão de Caçadores, 29º Batalhão de Caçadores, 2º Grupo do 5º Regimento de Artilharia de Divisão de Cavalaria, 25ª Circunscrição de Recrutamento, Hospital Militar de Fortaleza e Escola Preparatória de Fortaleza (para fins disciplinares), que funcionou de 1942 a 1961. Em Teresina, estavam o 25º Batalhão de Caçadores e a 26ª Circunscrição de Recrutamento; e, em São Luís, o 24º Batalhão de Caçadores e a 27ª Circunscrição de Recrutamento. Em face do estado de guerra, as Polícias Militares dos três Estados encontravam-se subordinadas ao Comando da 10ª RM.

A 17 de setembro de 1948, o QG/10ª RM transferiu-se de sua sede provisória, na rua Pedro Pereira, 461, para a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção.



Em 5 de janeiro de 1967, foi inaugurado um painel de Nossa Senhora da Assunção, na face externa do QG/10ª RM, lado do Passeio Público.

Em 31 de dezembro de 1971, realizou-se a inauguração de uma placa de bronze na entrada principal do QG/10ª RM com os seguintes dizeres:



“Neste Quartel serviram, em diferentes épocas e funções, Antônio de Sampaio, Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza, Heróis Nacionais, e Humberto de Alencar Castello Branco, Soldado e Estadista”

Em 16 de dezembro de 1993, a 10ª Região Militar recebeu, por portaria ministerial nº 686, a designação histórica “Região Martim Soares Moreno”, em homenagem ao primeiro Capitão-Mor do Ceará.



Durante o ano de 2001, a fachada do QG da 10ª RM foi pintada nas suas cores originais, dentro do projeto de revitalização urbana de Fortaleza, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Além da pintura, a velha Fortaleza recebeu nova iluminação, destacando sua arquitetura secular. (imagem a seguir de Alex Uchôa, 2004)



O sítio histórico da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção

Nos dias atuais fazem parte do Sítio Histórico da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção os seguintes espaços culturais:

- ***Panteão Brigadeiro Sampaio;***
- ***Praça Nossa Senhora da Assunção***, destacando-se o Monumento “A Epopeia da Posse”;
- ***Museu Brigadeiro Sampaio;***
- ***Espaço Brigadeiro Tibúrcio*** destacando-se a Padroeira do Forte – Nossa Senhora da Assunção; a figura ímpar do Marechal Humberto de Alencar

Castello Branco, antigo Comandante da 10ª Região Militar; e breve histórico da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e do Patrono da 10ª Região Militar – Martim Soares Moreno;

- **Espaço História dos Fortes**, situado no interior da muralha norte do forte; e
- **Praça dos Canhões**.

O **Panteão Brigadeiro Sampaio** é um monumento que abriga os restos mortais do Brigadeiro Antônio de Sampaio, que faleceu em 6 de julho de 1866, decorrente dos ferimentos recebidos na Batalha de Tuiuti, que aconteceu em 24 de maio do mesmo ano, durante a Guerra da Tríplice Aliança, mais conhecida como a Guerra do Paraguai.



O monumento foi inaugurado em 24 de maio de 1996, nas comemorações alusivas ao Dia da Infantaria, foi fruto de uma parceria entre a 10ª Região Militar, sob o comando do General de Divisão *Frederico Faria Sodré de Castro* e a Prefeitura de Fortaleza, sendo responsáveis pelo projeto as arquitetas *Marilena Silveira* e *Beatriz Diógenes*.

A sua construção consiste em uma base circular sustentando uma coluna que é encimada com uma escultura em mármore do Brigadeiro Sampaio, cuja origem nos remete ao dia 24 de maio de 1900, quando foi solenemente inaugurada na Praça Castro Carreira, onde a estátua estava sobre uma coluna com dez metros de altura.

À retaguarda do Panteão encontra-se uma série de placas de bronze com uma breve cronologia da vida do Brigadeiro Sampaio.

A **Praça Nossa Senhora da Assunção** é assim denominada por ocupar o baluarte nordeste da Fortaleza que tem a invocação de Nossa Senhora da Assunção. O outro baluarte, de sudeste, tem a invocação de São José, padroeiro da antiga Capitania, e orago da matriz da vila.

Neste histórico lugar foi inaugurado em 27 de abril de 1998, uma estátua dedicada à Martim Soares Moreno, o verdadeiro fundador do Ceará e seu 1º Capitão Mor. (1619 – 1631). Sua implantação ocorreu no comando do General de Divisão *Plínio de Abreu Coelho*.



Em 28 de julho de 2016, já no comando do General de Divisão *Marco Antônio Freire Gomes*, a estátua do 1º Capitão-Mor foi relocada para a parte superior da muralha norte, como a guarnecer o antigo forte de frente para o mar.

Em seu lugar, foi inserido a obra “A Epopeia da Posse”, retratando as epopeias da defesa e colonização da Capitania do Siará pelos portugueses, no início do século XVII.

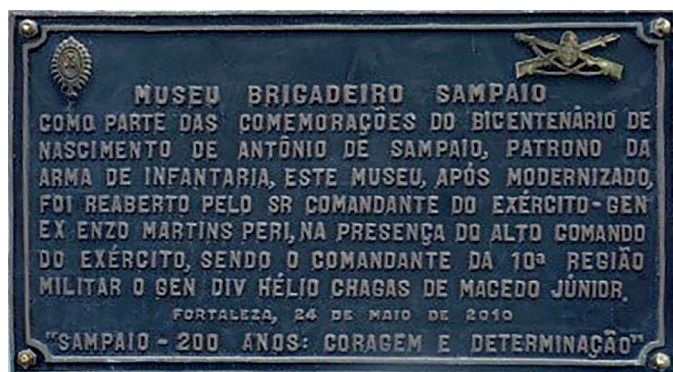


Em primeiro plano têm-se a figura de Martim Soares Moreno, trajando vestimenta e armamento da época e ao fundo, é caracterizada a união e a miscigenação de povos e de raças, que hoje muito bem representa o nosso povo e que deram origem ao Exército Brasileiro. O índio, aqui retratando o personagem histórico cacique Jacaúna, amigo de Martim Soares Moreno; o soldado português simbolizando o colonizador branco; e o negro ilustrado na figura do combatente de nossos dias.

O **Museu Brigadeiro Sampaio** foi inaugurado em 24 de setembro de 1998, no comando do General de Divisão *Theo Espíndola Basto*, pelo Ministro do Exército General *Zenildo Gonzaga de Lucena*.

Em 2010, no Comando do General de Divisão *Hélio Chagas de Macedo Júnior*, nos 200 anos de nascimento do Brigadeiro Sampaio, o referido espaço foi modernizado e reaberto em 24 de maio, com a presença do

Ministro da Defesa, *Nelson Jobim* e do Comandante do Exército, General *Enzo Martins Peri*.



No Museu Brigadeiro Sampaio, os visitantes têm a oportunidade de conhecer a vida e os feitos do bravo militar cearense, bem como uma série de objetos relacionados à figura do Patrono da Arma de Infantaria.





O **Espaço Brigadeiro Tibúrcio** foi inaugurado em 11 de agosto de 2017, durante o comando do General de Divisão Estevam Cals Theophilo Gaspar de Oliveira, como parte das comemorações dos 180 Anos de Nascimento do Brigadeiro Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza. No Espaço os visitantes têm a oportunidade de conhecer a vida e os feitos do bravo militar cearense, bem como algumas das suas condecorações concedidas por sua atuação nos campos de batalha no Conflito da Triplíce Aliança. Abaixo temos uma visualização do interior do referido espaço, que a partir de 14 de janeiro de 2020, foi integrado ao Museu Brigadeiro Sampaio.



Ainda no *Espaço Brigadeiro Tibúrcio* destacam-se a Padroeira do Forte – Nossa Senhora da Assunção cuja história nos remete ao longínquo ano de 1654, quando foi entronizada no forte pelo Capitão Mor Álvaro de Azevedo Barreto ao trocar o nome do forte holandês existente, para Forte de Nossa Senhora da Assunção.



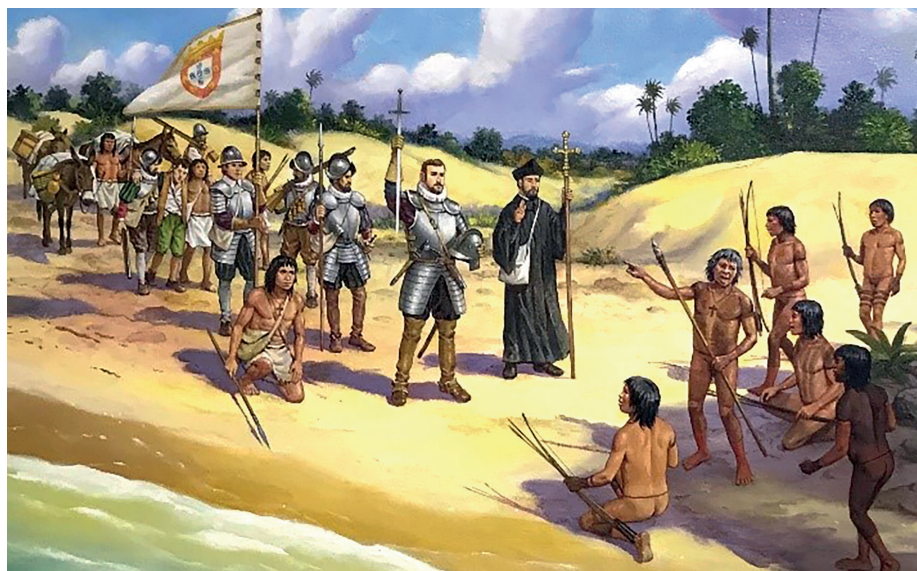
Também merece destaque no espaço é a figura ímpar do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, que em 1952 a 1954, comandou a 10ª Região Militar.



Da mesma forma é apresentado um breve histórico das origens da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e a sua íntima ligação com a história da cidade de Fortaleza, que lhe empresta o nome.



No mesmo local temos uma homenagem ao Patrono da 10ª Região Militar – Martin Soares Moreno, primeiro Capitão Mor e considerado o verdadeiro fundador do Ceará.



Nessa imagem de Rodval Martins, denominada “A espada e a cruz”, 2020, o artista retrata a chegada de Martim Soares Moreno, em 1611, à barra do rio Ceará.

Já o **Espaço História dos Fortes**, situado no interior da muralha norte do forte foi criado em 2019, como forma de registrar a história dos fortes que fizeram parte da formação do estado do Ceará e da cidade de Fortaleza.



Entrada do Espaço na única poterna ou túnel, existente



Vista do interior do espaço, no túnel da muralha norte

O Espaço Praça dos Canhões, situado no baluarte nordeste da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção resgata uma parte das peças de artilharia que guarneceram a antiga fortificação e outras que existiram na capitania do Ceará colonial. Foi inaugurada em 2019, no comando do General de Divisão *Fernando José Soares da Cunha Mattos*.





© Comando da 10ª Região Militar
Região Martim Soares Moreno
Centro de Cultura Regional Militar

Pesquisa Histórica e Organização

Júlio Lima Verde Campos de Oliveira

Assessor de Assuntos Históricos e Culturais

Historiador – Reg. 089/2021/CE

Coordenação de design

Francisco Myard

Diagramação

Juscelino Guilherme

Imagens

capa©10ª RM, 2019

contracapa©Alex Uchôa, 2004

<https://www.pbase.com/alexuchoa>

Acervo: ComSoc/10ª RM

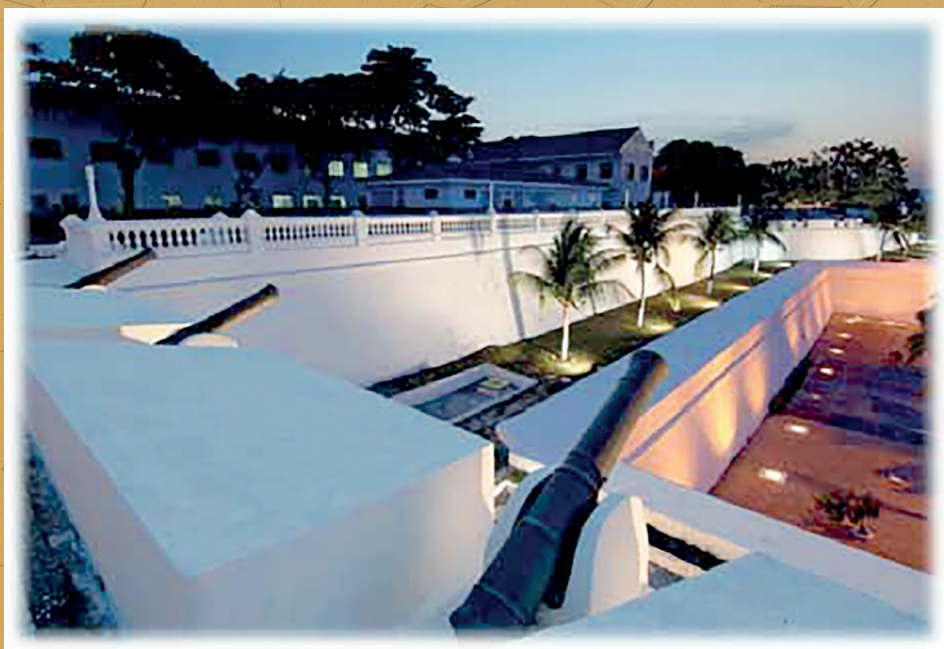
Tiragem

300 exemplares

Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção – A fortaleza dos Heróis da Pátria – Uma síntese histórica. Organização: General-de-Divisão Júlio Lima Verde Campos de Oliveira, Assessor Especial de Assuntos Históricos e Culturais da 10ª Região Militar - 1ª ed. – Fortaleza, 2024

38p.; 155 x 225 cm.

1. História militar 2. Exército Brasileiro - Ceará



imagens©alex-uchoa,2004

**©10ª Região Militar - Região Martin Soares Moreno
Avenida Alberto Nepomuceno, Centro, Fortaleza, Ceará
www.10rm.eb.mil.br**